

Santa Helena

Professores de história coordenaram mesa redonda com primeiros santa-helenenses (fotos)

*(subtítulo) Professor de História José Alberto Kozerski, do Colégio Estadual Humberto Alencar Castelo Branco – Ensino Médio de Santa Helena, coordenou entrevista na ACISA com alguns dos primeiros moradores santa-helenenses. Participação e auxílio Prof. João Rosa Correia.*

*Diretor do Colégio Professor Henry Varnier  
Vice-diretora Professora Sofia Neumann*

No dia 26 de maio de 2014 será comemorado o 47º aniversário de emancipação política/administrativa do município de Santa Helena. Para compreender esta data e a trajetória histórica de Santa Helena precisa-se voltar no tempo. Na década de 1920 teve início a ocupação do território que hoje constitui Santa Helena, por agricultores oriundos principalmente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul na localidade conhecida pelo nome de Santa Helena Velha. Sendo seus primeiros moradores as famílias: Ferry, Bortolini, Gallo, Noro, Cattani, Prati, entre outros.

No ano de 1958 a empresa Madalozzo iniciou a formação do perímetro urbano de Santa Helena e também de vendas de áreas agrícolas. A empresa Madalozzo, de Erechim/RS encarregou corretores gaúchos de atraírem compradores das propriedades da referida imobiliária. A propaganda era intensa nos meios de comunicação que existia naquela época, em particular aos sulistas. Falavam das belezas florestais, rios, clima, solos férteis, baixo preço das propriedades e ótimas condições de pagamentos oferecidas pela empresa aos compradores das terras, urbana ou rural.

Com as intensas propagandas sobre a região oeste do Paraná e as dificuldades de expansão da agropecuária rio-grandense, inúmeros agricultores e aventureiros vieram instalar-se em Santa Helena. Dentre estes destacaremos alguns personagens, como: Kozerski, Cattani, Dieterich, Benacchio, Terol, Maraskim, Arend, Thomé, Remonti, Weber, Weisseimer, Simon, Rabaioli, Boff, Frank, Valiente, entre tantos outros.

Visando facilitar a compreensão da história do município por parte dos estudantes, também valorizar e dar visibilidade aos primeiros moradores de Santa Helena e que aqui ainda continuam residindo, na quinta-feira 15 de maio de 2014 o professor José A. Kozerski convidou os pioneiros: Januário Bortolini, Antenor Terol, Germano Rabaioli e Inês Simon para falar a um grupo de 150 estudantes do período matutino, do Colégio Estadual Humberto Alencar Castelo Branco, Ensino Médio. Este encontro aconteceu nas dependências da

ACISA. Os pioneiros explanaram sobre a trajetória histórica de suas vidas e no final da palestra responderam às perguntas dos estudantes.

O trabalho iniciou com a professora de História Sirlei Córdoba, do Colégio Estadual Professora Verônica Zimmermann – Ensino Fundamental Séries Finais e Médio do distrito de São Clemente e ex-vereadora pelo PMDB de Santa Helena (legislatura 2009/2012) declamando uma poesia que demonstra a história da chegada dos primeiros agricultores no território que atualmente se constitui o município santa-helenense. As dificuldades enfrentadas, os sonhos, as desilusões, avanços e recuos pelos quais foram desafiados naqueles tempos passados. Segue a poesia:

### **HISTÓRIA DO POVOAMENTO DE SANTA HELENA**

01

Na nossa Via-Láctea  
Há um Sistema Solar  
Com 8, 9 Planetas ou mais.  
Ao redor do sol girar

02

De todos esses planetas  
A terra é a mais importante  
É um planeta pequeno  
Mais pra nós é um gigante

03

Dividida em Continente  
Toda cercada de ar  
Uma parte é de Terra  
Três partes pra navegar

04

Falando em Continentes  
sabem qual é o nosso?  
É o Continente Americano  
E dele falar eu posso

05

Nele está o Brasil  
Nele está o Paraná  
E o Município de Santa Helena  
Aonde viemos morar

06

Mas, a história começa  
Há muitos anos passados  
Quando famílias do sul  
mudaram pra o nosso Estado

07

Mas, a história começa  
Há muitos anos passados  
Quando famílias do sul  
mudaram pra o nosso Estado

08

E era tudo difícil  
A vida neste lugar  
Muito mato, muito bicho  
Mas, o povo era valente

09

Estradas quase não tinham  
Conforto então? Nem pensar  
Se precisava de tudo  
O jeito era começar

10

Vieram as primeiras famílias  
Construíram barraquinhos  
Dias e dias de trabalho  
Ajudados pelo vizinhos

11

Haviam dificuldades  
Que acarretavam os posseiros  
Tudo era um perigo

12

Pois, as terras dessa época  
Não tinham documentação  
Então vinham os jagunços

Principalmente os pistoleiros

Amedrontar a população

13

A polícia e os pistoleiros  
Prendiam os colonos até  
Levavam bem longe de casa  
Torturavam, soltavam eles a pé

14

Os coitados, vinham embora  
Com chuva, frio e fome  
Mas, não desanimavam  
Mostravam garra de homem

15

Os colonos se reuniam  
E foram pra Curitiba  
Resolveram pedir socorro  
Pra essa gente tão sofrida

16

Lá, viram que o documento  
Da terra da Região  
Era um contrato vencido  
Que não valia, mais não

17

Mais ainda houve confronto  
E também perseguição  
O povo levou um tempo  
Pra ter a posse na mão

18

Mais o tempo foi passando...  
Houve melhorias até  
Surgiu o primeiro comércio  
Bem coberto de sapé

19

Fizeram a primeira escola  
De taquara era ela  
De segunda a sábado era escola  
E de domingo: Capela

20

Era então rezado o “terço”  
Pra pedir a proteção  
Pra família e pro gado  
E aumentar a produção

21

Na semana as crianças  
Vinham de pé no chão  
Sentavam em longos bancos  
Pra aprender a lição

22

Os homens, trabalhavam muito  
e as mulheres? Também  
Com todo este trabalho  
Pra levar São Clemente, além

23

E se hoje nós temos  
Essa terra pra viver  
É graças aos pioneiros  
Que aqui vieram “fazer”

24

Agradecemos essa gente  
A “Brava Gente Varonil”  
Que construíram Santa Helena,  
no Paraná um pedaço do Brasil.

( Autor(a) Sirlei Cordova da Rosa)

Na sequência falou Januário Bortolini, também ex-vereador do município, contando que seu pai, José Bortolini chegou a Santa Helena Velha em 1920, oriundo do município de Garibaldi/RS, e que para chegar até aqui, fez uso de trem de ferro e navios. Estrada em condições de tráfego para se chegar à região oeste Paranaense não existiam. José Bortolini casou-se em Santa Helena e constituiu uma família de 14 filhos, dentre estes Januário Bortolini. Ainda estão vivos 12 irmãos espalhados mundo afora (nas palavras de Januário).

José Bortolini adquiriu 20 alqueires de terras na localidade de Santa Helena Velha. As dificuldades enfrentadas eram muitas, falta de estrada, negociação dos produtos quase impossível, sem assistência médica, religiosa e escolar. Conforme a gravidade da doença havia a necessidade de se deslocar até Foz do Iguaçu via “navio”. Pela demora da viagem houve caso de pessoas morrerem dentro do navio antes do atendimento médico. Outras vezes a embarcação não parava no porto de Santa Helena Velha por estar com carga completa e os passageiros precisavam esperar outra viagem que podia demorar dias para acontecer.

Outro fato ruim às pessoas que residiam em Santa Helena Velha foi quando ocorreu a passagem da Coluna Prestes (1925) naquela localidade. Muitos agricultores com medo dos revolucionários fugiram e não voltaram mais. Também mataram animais domésticos (gado, porcos) dos colonos para abastecer com alimentos as tropas e o pior não pagaram aos donos dos animais. Enorme prejuízo aos agricultores que já viviam em dificuldades naquela época. Foram momentos difíceis, afirma Januário. Segundo Januário seu pai tornou-se um dos líderes da comunidade, auxiliando na coordenação dos trabalhos de melhorias de infraestrutura da vila que se formava.

As estradas que surgiam, em razão das chuvas ficavam esburacas. Os moradores uniam-se e tapavam os buracos. Arrumavam as pontes que estragavam. Colhiam os produtos agrícolas. Tudo era realizado através do sistema mutirão. José Bortolini foi Juiz de Paz e Inspetor de Quarteirão daquela localidade. Também era solidário com o sofrimento dos vizinhos que passavam necessidades básicas de alimentação. Não media esforços para socorrê-los, como exemplo emprestando vaca de leite até que a pessoa pudesse melhorar suas condições de vida. A fama que corria na região, é de que José Bortolini era uma pessoa muito caridosa, mencionou o prof. José A. Kozerski.

Relembra Januário, que seu pai José comentava que a primeira vaca que ele adquiriu foi em Guaraniaçu. A respeito da erva-mate, riqueza vegetal que existia na região, Januário explicou que o transporte deste produto extraído do oeste do Paraná se fazia através de carroça e carroções até o Porto de Santa Helena Velha para ser negociados com argentinos e paraguaios. Januário Bortolini contou a respeito de sua própria história, ao dizer que nasceu em Santa Helena Velha em 1948. Expressou: nascemos em casa, mas vivíamos no mato. Com sete anos começou a estudar o antigo primário daquela localidade. Frequentava a escola descalço.

O pai desejava que um filho seguisse a carreira religiosa e propôs a Januário estudar para formar-se padre, respondeu que sim. Em 1958 e com 10 anos de idade seu pai matriculou-o no seminário em Toledo. No entanto, o trajeto mais

fácil para chegar à Toledo era necessário ir a Foz do Iguaçu por meio de balsa via Rio Paraná (hoje Lago de Itaipu) e a partir daí deslocar através de ônibus à Toledo. Imaginem as dificuldades que enfrentávamos por falta de estrada que ligava Santa Helena a outras regiões do oeste paranaense. Ao frequentar aquele novo ambiente escolar, Januário sentiu-se deslocado, era tudo estranho, diferente e longe da família a saudade os atormentava. Conseguiu ficar no seminário até os 11 anos de idade. Implorou ao pai que queria retornar para casa e não mais desejava estudar para ser padre. Se quisesse continuar seus estudos (4ª Série) seria necessário matricular e frequentar a escola em Ponta Grossa. Januário optou por ficar em casa. A partir daí passou a ajudar seus familiares nas lides agrícolas.

Aos quinze anos de idade passou a tomar conta da administração dos negócios da família, por motivo de doença de José Bortolini. José Bortolini faleceu em 1973. Januário com 16 anos ajudou a construir a Igreja Católica de Santa Helena Velha. Construíram a Igreja buscando pedra bruta na barranca do Rio Paraná. As pedras eram lascadas de forma braçal a base de marretadas. Como não havia serraria na localidade, os colonos usavam machados e enormes serrotes (traçadores) como meios de fazer caibros, vigotas e tábuas que seriam utilizados no levantamento do templo religioso.

Também trabalhou em prol da coletividade como Presidente das seguintes instituições e associações do município santa-helenense: Clube Esportivo Palmeiras por 02 mandatos, Igreja Católica, Escola, Jardim de Infância, APAE, CTG e Conselheiro da Empresa Lar. Participou do pleito eleitoral disputado no ano de 1988 sendo eleito, no qual ocupou uma cadeira na Câmara de Vereador de Santa Helena pelo PMDB entre 1989/1992. Januário sente-se satisfeito pelo que fez por Santa Helena na condição de homem público e também como agricultor, profissão que sempre exerceu ao longo de sua existência.

Quando rapaz e demonstrando interesse de namoro a determinadas moças, algumas ao saber da sua profissão, (agricultor) chegavam a virar lhe as costas. Esta atitude o deixava constrangido. Após a mecanização das terras para o plantio da soja (década de 1970) e os bons preços desse produto no mercado interno e externo naquele período, possibilitou melhores condições de vida aos agricultores. A partir de então passaram a serem bem vistos no meio social.

Com a valorização da soja os agricultores foram os primeiros a adquirirem carros zero km, máquinas agrícolas entre outros bens materiais. Isto fez com que as moças passassem a olhar diferente para conosco, agora não viram as costas para nós! Enfatizou Januário Bortolini. Ganhamos visibilidade e notoriedade entre as pessoas da comunidade santa-helenense.

Januário revelou outro fato e assim relata o acontecido: uma de suas filhas

quando criança era muito amiga de uma menina em que os pais não preocupavam com a mesma, com isso o piolho tomou conta de seu cabelo. Januário e a esposa resolveram cuidar dessa criatura, para surpresa deles, mais tarde ela os convidou para que fossem seus padrinhos de crisma. Interpreta Januário que foi uma forma de gratidão e respeito pelo que fizeram à mesma.

Ao finalizar sua conversa deixou a seguinte mensagem aos estudantes, “alunos, procurem fazer algo importante aos outros, sejam sal da terra. Pequenos gestos podem fazer grande diferença na vida das pessoas”.

Na sequência falou Germano Rabaiolli, que discorreu a respeito de sua trajetória em Santa Helena. Integrante de uma família de 15 irmãos. Diz ter chegado ao município no ano de 1957. Na época só havia a casa de João Marcelino Madalozzo, (proprietário da Imobiliária Madalozzo), Hotel Weber e de Antônio Thomé. Que o primeiro morador foi Marino Carvalho e o segundo Argemiro Kozerski. A cidade, no início de sua formação, era puro atoleiro. Estrada ligando Santa Helena com outras localidades não havia. Trabalhou de empregado para a empresa Madalozzo. Ajudou construir uma barca com a finalidade de transpor as águas do Rio São Francisco Falso para facilitar o acesso das pessoas à Sub-Sede. Tudo estava para ser feito.

A empresa Imobiliária Madalozzo contratava trabalhadores temporários com auxílio de Germano Rabaioli e Armando Cattani (empregados fixos da Madalozzo) para abrir picada, derrubar as matas, instalar bueiros e pontes sobre os rios no traçado das estradas. A Madalozzo dispunha somente de um jeep e um pequeno trator de esteira no auxílio das atividades de destoca. Isto fazia com que quase todos os serviços fossem executados de forma braçal. A região era constituída de extensas florestas, como demonstram as fotos da época (puro mato mesmo expressou Rabaiolli).

Para Rabaiolli a vida em Santa Helena começou a melhorar a partir dos anos de 1964/65, com aberturas de estradas e aumento da população. Por não terem um espaço de lazer, Rabaiolli e outros moradores de Santa Helena que gostavam de futebol reuniram-se e improvisaram um campo de futebol entre a atual Praça Central Orlando Weber e a Usina do Conhecimento no ano de 1959 e assim conseguiam se divertir . A partir destes encontros futebolísticos formaram uma Comissão e fundaram o Clube Incas. Rabaioli jogou por três anos naquele clube. Disputaram partidas de futebol contra times de Foz do Iguaçu, Medianeira, Flamengo de Marechal Cândido Rondon, Porto Britânia (submerso pelas águas de Itaipu) Pato Bragado.

Inês Simon também participou do encontro e falou a respeito de sua trajetória histórica em Santa Helena. Integrante de uma família de 12 irmãos, sendo que

11 estão vivos. Sua família é oriunda do RS e chegou a Santa Helena no ano de 1959 com apenas 10 anos de idade. Estudou na Igreja Santo Antônio (3º ano), pertencente à Igreja Católica. Seu professor era Arno Nagel.

José A. Kozerski acrescentou que também foram professoras naquela época: Izelda Alegretti, Assunta e Leoni Mann. Inês comentou que ficou muito feliz quando seus pais compraram dois cadernos para que ela pudesse fazer seus temas escolares. Essa satisfação era porque até então improvisava folhas de cadernos para desenvolver as atividades escolares. Após residir 06 meses na área urbana de Santa Helena, sua família mudou-se para Santa Helena Velha. Mais tarde retornou à sede do município e passaram a residir no bairro Vila Rica, onde continua morando até a presente data.

Quanto à educação, assegura que havia disciplina. Os estudantes tinham respeito pelos professores, pediam licença para entrar e ao sair da sala de aula. O lazer das crianças constituía nas brincadeiras de pula-pula em que reunia 10 a 12 meninas (os). Outro momento de descontração acontecia no pátio da Igreja antes de iniciar a catequese. Aproveitavam o tempo disponível para divertirem-se. Lembrou Inês Simon, que o primeiro Capelão e catequista da Igreja Católica de Santa Helena foram Argemiro Kozerski acompanhado pela esposa Sr.<sup>a</sup> Hidvirges que lhes ajudava na missão evangelizadora das crianças.

Inês Simon complementou a mensagem de Januário aos estudantes, ao dizer-lhes, “além de ser sal da terra, também sejam a luz da terra”, concluiu.

Outro pioneiro que esteve participando do evento foi Antenor Terol. Oriundo do Estado do RS, passou a residir no município de Santa Helena em 1959 na localidade de Sub-Sede hoje distrito. Relatou sobre a falta de estradas como um dos grandes obstáculos enfrentados quando aqui fixou residência. Para chegar à propriedade rural era através de estreitas clareiras abertas nas matas pelos agricultores (conhecida pelo nome de “picadas”). Segundo Antenor, ele e sua esposa abriram 6 km de estrada de forma braçal para facilitar o acesso à sua propriedade em Sub-Sede.

No início do povoamento de Santa Helena não existia comércio no município que vendesse alimentos. Uma das alternativas dos agricultores para obter alimentos era recorrer à caça de animais silvestres, em especial de antas, pardos e de peixes, muito abundantes nas matas e nos rios da região naquela época, esclarece Antenor. Durante e conforme a caçada, os caçadores conseguiam abater de duas a três antas. Um caçador que se prezava tinha que possuir bons cachorros de caça se desejasse ter sucesso na caçada. Antenor disse que mantinha sempre uma matilha de bons caçadores. Para conservar um enorme volume de carne em condições de alimentação, os agricultores

matavam um porco doméstico, fritavam o toucinho, o que gerava bastante banha. Paralelamente fritava a carne suína e dos animais silvestres abatidos. A partir daí colocava a banha em latas juntamente com as carnes fritas dos animais. Este sistema permitia conservar por vários meses as carnes, assegurando farta alimentação às famílias dos agricultores, relembra Antenor.

Além de saciar a fome, a caçada era também um meio de divertimento/lazer entre os vizinhos agricultores que se reuniam nestes encontros, afirma Antenor Terol.

Além de agricultor, Antenor tocava sanfona (acordeom), disse que manuseava bem este instrumento musical, com isso animava festas e bailes no município de Santa Helena. Pessoa de espírito comunitário participou e colaborou na fundação de quatro times do município santa-helenense, sendo eles: Tiradentes, Nacional, Incas e União. Segundo Antenor, o nome do time União de Santa Helena surgiu quando um grupo de jogadores uniu-se para formar uma agremiação esportiva e o nome sugerido e aceito pela turma foi **União**.

Comentou também que era esportista, jogou até os trinta e sete anos de idade e só foi expulso uma vez. Esta expulsão, no entendimento de Antenor, foi injusta, desestimulando-o de continuar praticando esporte. Durante o tempo em que jogou futebol, fez parte nas equipes do Nacional e Incas.

Marcou presença na vida escolar de Sub-Sede como presidente da diretoria das instituições de ensino daquela localidade. Antenor lembrou do seguinte fato quando criança e estudava no RS: “Veio um pessoal vacinar a criançada da escola, todos ficaram em fila, mas quando viram os agentes com as pistolas de vacinação, correram todos para o mato, foi um baile convencê-los retornar de volta à escola. Passado o susto e correria fui o primeiro a receber a tal vacina”.

No campo religioso, se diz um cristão fervoroso, congrega sua fé na Igreja Católica. Ajudou levantar a primeira Igreja Católica Santa Terezinha de Sub-Sede e foi ministro por 26 anos desta instituição religiosa. Antenor Terol agradece a Deus pela força que sempre teve e assim conseguiu ajudar Santa Helena a crescer.

Antenor Terol deixou a seguinte mensagem aos estudantes: “Espero que os alunos aproveitem bem as oportunidades e sejam homens e meninas de valor. Caprichem e certamente vocês serão pessoas de bem. Complementou, a vida era sofrida no passado, hoje as crianças estão no céu aberto”. Para encerrar até brincou com os estudantes ao referir que estava feliz no meio da juventude, principalmente porque estavam de azul e branco (cores do Grêmio Portogalense). Isto o fazia recordar do Grêmio quando foi campeão mundial



interclubes, (risos).

Confira alguns relatos de estudantes a respeito das palestras:

“[...] Que aqui na cidade havia poucos moradores e tinha que comprar gados em outros locais ou cidades. Mas a maior importância que eles continuaram na cidade e ajudaram a construir e a desenvolver um pouco a cidade que hoje está pouco desenvolvida” Mauro V. R. Davila.

### **Encontro com os pioneiros**

“O encontro de ontem foi muito bom, pois esclareceu várias dúvidas que eu tinha sobre a época em que a nossa cidade estava começando a crescer. Foi uma honra ouvir as histórias de cada uma das pessoas que estavam lá, pois eles tiveram grande importância para o desenvolvimento da cidade, pois elas vieram para a cidade quando estava iniciando seu crescimento”. Eric.

“O encontro que ocorreu ontem foi muito bom para o meu maior entendimento sobre o Paraná. Gostei e entendi bem o poema recitado por aquela senhora, que explicou bem a história do nosso estado. As pessoas presentes fizeram e possibilitaram um instante de divertimento devido as histórias sobre suas vidas, fazendo compreender mais sobre o nosso lugar”. [...] Simony Fernanda Bazi.

### **Avaliação do encontro de ontem**

“Ontem foram 5 pessoas lá na palestra. Cada um deles falou um pouco de como era naquela época e como eles viviam. Eu achei muito interessante pois eles explicaram muito bem como era antes e como vieram se desenvolvendo ao passar do tempo. Falaram também de Santa Helena Velha que o primeiro comércio de lá foi do meu bisavô, uma coisa que eu não sabia, e o nome dele era Ângelo Cattani. Gostei bastante daquela palestra e daquelas pessoas que foram lá nos ensinar tudo o que eles sabem, e as vezes é até legal uma aula assim tipo que diferente”. Leonardo dos Santos Cattani.

### **O encontro de ontem**

“Bom, eu gostei muito, achei muito proveitoso. Eu gostei muito do poema da professora Sirlei. O Januário falou um pouco da sua chegada, ele falou do primeiro pioneiro e muitas outras coisas. Germano falou onde ele trabalhava e como era quando ele chegou. A dona Inês falou sobre as escolas, como era, onde era e quem era os primeiros professores. O seu Antenor falou que ele ajudou a construir as primeiras igrejas e as primeiras escolas. Achei tudo muito ótimo e proveitoso. [...] Com tudo isso eu pude aprender um pouco mais de Santa Helena”. Ana Paula Chassot.

### **Os primeiros colonos de Santa Helena**

“A nossa palestra foi sobre os colonos que vieram para Santa Helena, de como

era a vida deles desde quando seus pais vieram, e colonizaram a cidade de Santa Helena, que antigamente era a atual Santa Helena Velha que ainda existem muitas pessoas que moram lá. A vida de antigamente não tem nada a ver com a de hoje, porque não tinha como se comunicar. O modo de comunicação era de a pé, de cavalo ou de charrete. E nos dias de hoje, nós temos celular, internet e tantas outras tecnologias para facilitar a nossa comunicação”. Isabel L. Reolon.

### **Avaliação do encontro com os pioneiros de SH**

“A palestra foi sobre a história dos 1ºs colonos em Santa Helena, como que eles vieram e do que eles sobreviviam, a vida deles era muito puxada, iam de pé ou de carroça até a escola, o meio de comunicação era de carta. Os palestrantes, ou os 1ºs colonos eram: Germano Rabaioli, Januário Bortollini entre outros, vieram por volta de 1953, sobreviviam através da caça e da pesca, a primeira igreja ou escola foi uma paróquia construída com madeira, não existia luz elétrica, era vela e fogueira, foi boa a palestra. Teve muita história, e conhecemos um pouco mais sobre a pequena Santa Helena.” Willian dos Santos.

“O encontro foi maravilhoso, pois aprendemos o real valor que perdemos com a inundação do Lago de Itaipu, perdemos muitas áreas de terras, famílias perderam suas casas e suas lavouras. Esses grandes pioneiros ajudaram a construir a nossa cidade e conseguiram passar um pouco do que eles sofreram para viver em Santa Helena. [...] Também falaram que não tinham como chegar na escola, pois era muito longe e por isso não estudavam. Mas com tudo isso aprendemos a dar valor a nossa cidade que hoje é bem estruturada”. Indianara Fischner.

### **Avaliação sobre o encontro**

“Na palestra falavam-se como eles viviam anteriormente. De como eles sofriam, mais ainda com tudo o que eles sofreram eles eram felizes. [...] Pois não havia automóvel nem qualquer tipo de modernismo que existe hoje. Eles andavam de carroça, não tinham escolaridade, pois a escola era muito longe de casa e eles tinham que ir a pé. O primeiro comércio foi do Cattani, o primeiro catequista da época foi de nome Kozerski, a primeira escola que havia na região foi em uma Igreja. Na época eles brincavam de pular corda, esconde-esconde, pega-pega (...)”. Sonia Mara Silva de Oliveira.

### **Avaliação sobre o encontro**

“No dia 15 de maio de 2014, tivemos uma palestra na ACISA com os pioneiros do município de Santa Helena. Alguns dos pioneiros que estavam no local foram: a professora Sirlei, Januário Bortolini, Antônio Terol, Inês Simon e Germano Rabaioli. Eles contaram de como era a cidade quando chegaram e como foi a infância. Relataram que na época a Igreja do município nos dias de

semana era escola. Eles não tinham meios de transporte como: ônibus, carros entre outros. Utilizavam mesmo era cavalo, carroças. Nos dias de chuva era muito difícil deslocar-se de um lugar para outro. O primeiro hotel construído foi o hotel Weber. A cidade foi colonizada com a Imobiliária Agrícola Madalozzo. Eles não tinha meio de lazer, trabalhavam bastante na roça e na pesca. Alguns dos animais nativos eram a anta, cateto, porco do mato, inhambu, paca, cutia, jacutinga, entre outros, e na pesca eram o jaú que chegava a pesar de 42 kg a até 72 kg, dourado, pacu, surubim, entre outros. Quando os trabalhadores iam para a roça levavam a espingarda junto, pois era muito perigoso o ataque de animais ferozes como onça. [...]”. Aline L. Série 1<sup>a</sup> A.

*Agradecemos às testemunhas oculares da História de Santa Helena pela palestra, que possibilitou aos estudantes uma melhor compreensão da trajetória histórica do município nestes últimos 94 anos. O início remonta à década 1920 na localidade de Santa Helena Velha. Após 1957 inicia-se o povoamento do que hoje constitui propriamente a atual Santa Helena. Este trabalho histórico/pedagógico tem como finalidade valorizar as pessoas que ao longo de suas vidas por meio de suas atividades profissionais e participação pública não mediram esforços e assim colaboraram para o desenvolvimento material e intelectual do município e dos munícipes santa-helenense.*

*Professores: José A. Kozerski e João R. Correia*